

A RELAÇÃO DO “ENSINAR HISTÓRIA” COM AS TECNOLOGIAS: EMBATES E DESAFIOS

NIKOLAS CORRENT

Resumo:

Ao pensarmos em ensino de história, não podemos deixar de pensar em vários segmentos que compõem essa análise, para chegar a um conceito. Entre esses segmentos se encontram, os métodos de ensinamentos, correntes historiográficas, todas marcaram a nosso modo de ver e aprender história, nos deixando aprendizados, de mudanças, reflexão, como de acréscimos e críticas, como também ainda nos deparamos com outras, partes a serem pensadas, dentro do ensino de história, como o currículo, planejamento, metodologias, recursos, enfim, vários são os itens que tem que ser considerado nessa temática ensino de história, que se fazem necessários e devem estar presentes.

Palavras-chave: História. Ensino. Didática.

1. INTRODUÇÃO

Ao pensarmos em história, não podemos deixar de referir como a história era ensinada e ainda continua a ser, através de um dos métodos mais visados como é o caso do método tradicional, que por muito tempo foi o embasamento de muitos educadores para ensinar história e isso reverteu em um ensino da história taxativo, chato, repetitivo, de decorebas, onde ainda, lutasse para mudar essa visão que ainda permanece viva.

(...) os propósitos da escola tradicional, voltados para a aquisição cumulativa de informações, com suas conhecidas características no ensino da História: ordenação mecânica de fatos em causas e consequências; cronologia linear, eurocêntrica, privilegiando a curta duração; destaque para os feitos de governantes, homens, brancos, numa visão heroicizada e idealizada da História; conteúdos apresentados aos alunos como pacotes-verdades, desconsiderando e desvalorizando suas experiências cotidianas e práticas sociais. (Caimi, 2006, p.5)

Essa postura tradicional do ensino da História nos fez refletir sobre a maneira de ensinar a história e como essa maneira errada fez com a disciplina de história fosse vista por muitos como chata, porque, não se permitia a reflexão, o questionamento,

análise, o conteúdo era depositado, onde, deveríamos decorar, sem críticas, era uma história pronta, sem acréscimos e questionamentos.

Após tanto tempo, poderíamos dizer que esse método tradicional mudou mas, bem sabemos que ele ainda se faz presente, principalmente ao que se refere ensino de história do ensino Fundamental anos iniciais, onde primeiramente não se valoriza a disciplina de história, pelo contrário, muitos educadores são contra ao seu ensino nessas nesses anos, pelo fato de que, para eles, esses anos são somente para se aprender a ler e escrever, como se não pudesse realizar esses processos educacionais integrados ao ensino de história.

Mas, é justamente os educadores, que são os primeiros a reclamar nos anos seguintes, do porquê dos alunos não saberem interpretar, não ter interesse pela leitura, não entender, apresentar grandes dificuldades de aprendizagem, ou seja, um fato leva a outro, saber ler, não é apenas ler o que lhe fornecem, demonstrando assim, que aprendeu a ler as letras, realiza a junção de palavras e a forma frases, pois, assim, como nos coloca Freire “, ler é ler o mundo: não apenas em palavras sem a busca da compreensão do mundo, da história, da geografia, das experiências humanas, construídas nos diversos tempos e lugares” apud (Silva & Fonseca, p.24)

É necessário, sim, alfabetizar as crianças, ensinando e aprendendo História é ler e compreender o mundo em que vivemos e no qual outros seres humanos viveram. Ao ensino de história cabe um papel educativo, formativo, cultural e político, e sua relação com a construção da cidadania perpassa diferentes espaços de produção de saberes históricos. (Silva & Fonseca, p.24)

2. A HISTÓRIA NO SISTEMA EDUCACIONAL

Essa desvalorização vem desde o sistema educacional, onde também não dá muita ênfase ao ensino de História no ensino fundamental anos iniciais, começando pelo material, mais especificamente livro didático, que é fornecido, que os leva a esse pensamento de desvalorização, onde é voltada a história para o método tradicional, decoreba e isso fica evidente nas visões expostas, pelos livros didáticos desse período, onde condiciona os alunos, os tornam mecanizado. São contextos e imagem que ainda estudam os alunos com base total no método tradicional, além da junção de história com geografia e em muitas vezes até com ciências,

O referido documento evidencia de forma clara como os conteúdos, as imagens e as atividades dos livros de Estudos Sociais dificultavam o processo de compreensão da realidade social, histórica, econômica e cultural. Os conceitos histórico-geográficos, quando abordados, eram de tal forma fragmentados e naturalizados que mascaravam as contradições e não possibilitavam o desenvolvimento de habilidades e competências como criticidade, criatividade, reflexão e compreensão. (Silva & Fonseca, p.26)

Logicamente que é extremamente importante saber ler e escrever, mas, ainda é mais importante, saber o que ler e como escrever, porque, se não, teremos várias crianças que vão estar condicionada a somente ler, o que lhe é dirigido, concordando com tudo que é atribuído, sem criar o lado crítico e investigativo, de busca e descobertas, isso, porque não aprendeu interpretar, refletir, indagar o que e porque daquilo que está escrito, aonde, ou seja, teremos meros copistas.

Infelizmente, ainda a educação dos anos iniciais está voltada para essa mentalidade, tanto é, que não se encontra material de trabalho coerente com as novas mentalidades, para esse nível de ensino, sem mencionar, que os livros que temos são completamente condicionados a uma aprendizagem tradicionalista, que não traz resultados satisfatórios, pelo contrário, está presa a um tempo em que ainda se une história e geografia no chamado Estudo Sócias.

O ensino de História na educação básica brasileira foi objeto de intenso debate, lutas políticas e teóricas no contexto de resistências à política educacional da ditadura civil-militar brasileira (1964-1984). Isso significou refletir sobre o estado do conhecimento histórico e do debate pedagógico, bem como combater a disciplina “Estudos Sociais” e a desvalorização da História, os currículos fragmentados, a formação de professores em Licenciaturas Curtas e os conteúdos dos livros didáticos difundidos naquele momento, processo articulado às lutas contra as políticas de precarização da profissão docente. (Silva & Fonseca, p.13)

Muitos podem pensar, que a história é muito complexa para a idade deles, mas, todos sabem, primeiramente que nossas crianças, estão cada vez mais habilitadas a uma aprendizagem mais inovadora, uma prova disso é o meio que os cercam, onde muitas, não sabem, falar corretamente e nem ler, mas já sabem, mexer no celular, em computadores, internet, essa uma prova de que a humanidade evoluiu e que certos conceitos que insistem e permanecer vivos, estão na hora de serem repensadas e alteradas.

Porque depois, não adianta reclamarmos dos alunos que encontramos nos anos posteriores, que não sabem ler, escrever direito, muito menos, interpretar, criticar, que não se interessam, pois o erro começa nos anos iniciais.

Já ao que se refere ensino de História, anos Finais do Ensino Fundamental, podemos dizer que essa visão é ambíguo e já vem sendo superados pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, onde o currículo, já vem sendo pensando de uma forma diferenciada, abordando temáticas coerentes, em conformidade com a nova realidade conceitual, onde pode ocorrer uma ligação entre presente e passado.

Os objetivos da História para os anos finais do ensino fundamental (5ª a 8ª séries), expressos no documento da área de História dos Parâmetros Curriculares Nacionais,¹ propõem o desenvolvimento de capacidades e habilidades cognitivas, tais como: estabelecer relações históricas entre o passado e o tempo presente; situar os conhecimentos históricos em múltiplas temporalidades; reconhecer semelhanças, diferenças, mudanças e permanências, conflitos e contradições sociais em/entre diversos contextos históricos; dominar procedimentos de pesquisa, lidando com fontes textuais, iconográficas, sonoras e materiais; valorizar o patrimônio sociocultural e o direito à cidadania, respeitando a diversidade social, étnica e cultural dos povos, dentre outros. (Caimi, 2006, p.21)

Diante dessa nova realidade podemos dizer que a Educação já evoluiu, pois, se abrange uma grande mudança na forma de ver história, a disciplina passa a ser valorizada e mais passa a ser ensinada de forma correta e condicente com os novos pensamentos da sociedade que evoluiu, valorizando conceitos antes não valorizados e nem ensinados, diferenciando o ensino, como fugindo dos padrões mecanizados, linear, como eurocêntricos, preconceituosos e de privilégios a alguns heróis da história.

Ao que se refere a aprendizagem de história no ensinamentos fundamentais anos finais a realidade é outra, a um material mais crítico, mais atualizado, diferente dos anos iniciais, agora o diferencial fica por conta do educador e de como ele vai passar esse conhecimento.

Atualmente os objetivos da História vem sendo pautados em conceitos que buscam acabar com aquela visão de uma história baseada no branco, nos governantes heróis, decorebas de datas sem compreensão dos fatos, visões preconceituosas, onde cada vez mais, se busca fazer dessa visão, um passado enterrado.

Entretanto, á muito a ser mudado, começando pelos educadores que devem rever seus métodos de ensinar História, porque, não adianta nada, ter todo um

¹ BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: História / Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC/SEF, 1998.

aparatos didático atualizado se as mentalidade tradicionalista permanecerem as mesma.

Essa resistência de aceitar o novo é que faz, com que ainda, se ensine de forma errada, mantendo vivo algumas ideologias, como a valorização da história europeia, branca, com alguns personagens centrais como heróis, deixando de ensinar a real história.

Uma dessas provas dessa persistência em ensinar o errado é o fato de ter que obrigar através de lei, a constar em um currículos e planejamentos a nossa história, melhor, a História da identidade brasileira, cultura indígenas e afrodescendentes.

Assim, em 2003 foi sancionada pelo presidente da República a Lei Federal 10.639, de 9 de janeiro, determinando a inclusão obrigatória, no currículo da rede de ensino, do estudo da “História e Cultura Afro-Brasileira” e outras providências. Em 2004 foram aprovadas, pelo Conselho Nacional de Educação, as “Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana”, bem com Resolução nº 1 do CNE, de 7 de junho de 2004, que instituiu as Diretrizes. (Silva & Fonseca, p. 20)

Com pauta na LDB é que destacamos o que consideramos imprescindível para ensinar ao aluno dentro da disciplina de história, ou seja, (origem, cultura, sociedade, indígena, africana e europeia).

Pensar em africanos e indígenas na formação do Brasil significa também indagar sobre ligações desses grupos com outras etnias, formação de novas culturas híbridas, sociabilidades que, longe de idealizações, possuem caracteres muito diferentes daqueles observados noutras partes do mundo (ausência de impedimentos legais para casamentos, modalidades de racismo sutis, mas de grande violência, redução daqueles grupos à pobreza etc.). (Silva & Fonseca, p.23)

E mesmo assim, muito educadores insistem em não ensinar, ignorando a lei e pior permanecendo com um pensamento preconceito de história e totalmente tradicional, além disso, repassam essa visão aos alunos.

Mas, essa é uma luta que já vem sendo pensada e trabalhada por aqueles que se preocupam com o ensino e principalmente aprendizagem da História, uma prova disso, está na mudança dos currículos, que atualmente estão pautados em uma visão inovadora, que aborda a História de uma forma, que valoriza todos os sujeitos, como parte importante da história, onde valoriza todas as culturas, crenças, que estabelece uma abordagem crítica, reflexiva e compreensiva sobre várias áreas humanas, desde econômica, como política.

Principalmente considerando a importância do currículo, pois, é difícil discorrer do ensino de História, sem antes pensar no currículo, primeiramente, porque o currículo é a base da educação, ou seja, é através dele que se vai caminhar, rumo aos objetivos preestabelecidos, portanto o currículo deve ser funcional, ou seja, oportunizar ao aluno aprendizagem de conteúdo, mas também fornecer condições para ele construir o seu conhecimento, por isso o currículo deve ser flexível e contemplar a realidade do aluno.

O currículo é a ferramenta que orienta o trabalho do professor, no sentido de prever todas as atividades que o aluno deve realizar dentro de cada área do conhecimento. Lembramos que as atividades devem favorecer o processo de aprendizagem e que levem a atingir os fins da educação, que não se resumem na aquisição dos conhecimentos pretendidos, através da repetição e da “decoreba”, como era no ensino tradicional, mas que traga aos educandos competências para atuarem no mundo de forma pensante e aprendente. (Klosowski & Reali, 2008 p. 4)

O foco do currículo deve ser o aluno, como um sujeito ativo, por isso é essencial que esse currículo seja, pautada em prosseguimento, ou seja, que venha a suprir as necessidades de seu tempo, pois cada tempo tende a ter novas exigências devendo ser revisto e modificado, atendendo assim as novas realidades.

Quando se fala em sujeito ativo, trata-se de alguém que constrói suas próprias categorias de pensamento, que compara, exclui, ordena, categoriza, classifica, reformula, comprova, formula hipóteses, tanto numa ação interiorizada, em pensamento, quanto numa ação concreta, cujo comportamento seja observável. (Caimi, 2006, p.29)

Outro assunto a que se refere ao ensino de História é o planejamento, conseqüentemente pensamos em organização, interação, respeito ao cotidiano e a realidade educacional, ensino sem planejamento é sinal de desorganização. Para um bom planejamento, o aluno deve ser o foco fundamental, primeiro, porque, quando se pensa no aluno logo se destina a estimular suas participações, atingir a aprendizagem de forma significativa, para isso, esse planejamento deve ser flexível e estar em constante mudança.

Podemos dizer que planejar é algo natural dos seres humanos, pois, nossa vida é um planejamento, não vivemos sem antes planejar nossas ações, mas, para todo planejamento deve existir conhecimento, principalmente na área educacional, onde é extremamente importante conhecer bem os conteúdos, os contextos que os cercam,

como, avaliar e analisá-los, fazendo assim uma seleção, além de considerar a realidade do aluno.

Para considerar os conhecimentos dos alunos é necessário propor situações em que possam mostrar os seus conhecimentos, suas hipóteses durante as atividades implementadas, para que assim forneçam pistas para a continuidade do trabalho e para o planejamento das ações futuras (XAVIER, 2000, p. 117)

O planejamento é essencial para o trabalho do professor, pois ele quem vai nortear o seu trabalho, o seu andamento, ou seja, sem um bom planejamento, não se sabe como se guiar, pois, é o planejamento que vai possibilitar o andamento do processo ensino.

Outro questionamento que envolve o contexto do ensino de História é quanto o conhecimento trazido pelo aluno, onde, muitas vezes esse conhecimento prévio e acaba por ser desconsiderado, sendo que esse aluno, tem uma cultura, uma noção de tempo, espaço, enfim, uma história e também tem indagações como contribuições, além de informações que devem ser analisadas, acrescentadas como corrigidas, por isso é de extrema importância o seu conhecimento social ser levado em conta na aprendizagem.

Dentro do planejamento de ensino, deve-se desenvolver um processo de decisão sobre a atuação concreta por parte dos professores, na sua ação pedagógica, envolvendo ações e situações do cotidiano que acontecem através de interações entre alunos e professores. (Klosouski & Reali, 2007, p.4)

O processo ensino deve interagir com o cotidiano, envolvendo situações do cotidiano do seu aluno, pois assim obterá uma boa ação, como também, conseguirá um bom desenvolvimento. Ressalvamos ainda que esse conhecimento explorado pode ser um bom começo de uma aula, ao abranger os seus conhecimento quanto ao tema, inicia questionamento, realiza um levantamento de dados, ai sim, o professor pode mediar esse conhecimento do aluno ao objetivo pretendido, como também pode fazer essa mediação entre passado e presente, possibilitando ao aluno construir o seu conhecimento e compreender a narrativa da história, de forma mais clara, como coerente.

Se é correto afirmar que ninguém ensina, qualificadamente, um conteúdo cujos fundamentos e relações desconhece, também é possível supor que a aprendizagem poderá ficar menos qualificada, se o professor desconsiderar os pressupostos e os mecanismos com que os alunos contam para aprender

e os contextos sociais em que estas aprendizagens se inserem. (Caimi, 2007, p.23)

Atualmente uma das mudanças do ensino da História está pautado em valorizar o conhecimento do aluno, dentro da realidade deles, incidindo em despertar o seu interesse por História, por coloca-la presente em sua vida, porque a convicção que muitos tem é de que História é coisa do passado, onde passam a associar ela a tudo que é velho, chato, sendo que muitas vezes gostam de história, através de filmes, de texto, críticas, charges, imagem, e até dialogo, mas só se dão conta de que é história, quando alguém os media ao conhecimento de que a história está presente em vários segmentos, além de livros e documentos, ou seja, que esse resgate do passado que permanece vivo no presente, mas sem perder a especificidade histórica.

Uma grande preocupação que permeia o ensino de história é quanto o educador e sua qualificação, sendo assim, se instaura uma indagação que se refere ao modo de como é preparado o professor, todos sabemos que para se tornar um educador é necessário frequentar um ensino superior na área de licenciatura e que dentro dessa área tem disciplinas específicas, que nos dão um embasamento ao que se refere educação, através de teoria, textos conceituais, visões e métodos dentro do contexto currículo.

Também nessa etapa educacional universitária, o conhecimento real de como funciona uma escola, uma sala de aula é essencial, pois não adianta nada, termos educadores com alto nível de conhecimento, domínio total de conteúdo, mas sem ter didática de como se comportar ou trabalhar em sala de aula e isso é uma grande preocupação da educação, pelo fato da despreparação do profissional, por isso, uma das exigências das instituições de ensino superior é o estágio de observação e atuação, isso é essencial para aproximar ao máximo o educando da realidade educacional, começando pelo período de observação, onde passa a ver o que deu certo e o que deu errado, depois parte-se para a etapa do estágio de atuação, aonde realmente o aluno vai se deparar com a realidade de uma sala de aula, podendo assim, colocar em prática o que aprendeu na teoria, como enfrentar os desafios educacionais presentes.

Essa etapa da formação é muito produtiva para todos, por isso é muito importante que o futuro profissional tenha essa experiência, mas ressalvamos, que ainda tem muito a ser melhorado, como modificado, porque os profissionais educacionais, não saem preparados e só acabam aprendendo com a experiência.

Aprendemos cada vez mais, que a experiência é que vai preparando, como qualificando, as pessoas para uma educação de qualidade, onde só o tempo, entre erros e acertos é que vão levando o profissional a crescer e enfrentar os desafios. RASSI, (p. 116, 2006) “Toda experiência é construída e a experiência docente não é diferente. Todavia ela tem suas singularidades. O desafio para os professores que estão começando suas carreiras é incomensurável”.

Mas o que indagamos se refere ao alunos que “pagaram” para ver nossos erros, como ficam, voltaremos para ensina-los? A resposta já sabemos não, por isso, uma grande preocupação da educação é em ter profissionais cada vez mais preparados para atuar, sem necessitar aprender tudo durante a atuação, com a experiência.

Quando nos referirmos ao professor de história, pensamos seriamente, em como será a atuação de um educador que nunca teve contato com uma sala de aula, nem mesmo com um estágio é muito difícil aceitarmos que teremos profissionais prontos, preparados para enfrentar essa sala de aula, porque esses profissionais não estarão preocupados em como ensinar, por isso a importância de sabermos ensinar, principalmente história, que não é um conhecimento abstrato, absoluto é uma narrativa dos acontecimentos.

A docência envolve uma proposta pedagógica e um modo de conceber a produção do conhecimento histórico que estão intimamente ligados. A relação professor-aluno expressa sempre uma concepção de história mesmo quando professores e alunos não se dão conta disso (...). Embora o passado enquanto tal não se modifique, a construção do conhecimento se modifica de acordo com o modo pelo qual o historiador se vê no presente, pensa o social e se insere nele, enquanto sujeito social e enquanto pesquisador (Vieira, et al. 2007, p. 65)

Isso, nos coloca sobre indagações de como abordar esses acontecimentos, sobre quais os tipos de narrativas, de que modo abordamos essas narrativa, como respeitar o conhecimento do meu aluno, aproveitando para abranger dentro do contexto curricular, tudo isso é algo que devemos pensar muito dentro do ensino de história, pois, temos que ter em mente que a formação não é apenas para depositarmos conhecimento, mas também para formarmos o espírito crítico e social desse aluno.

Infelizmente um dos erros de professores formadores de professores de história é baseado em seus preceitos e isso, faz com que, se passe a ensinar história dentro de seus entendimentos, melhor, dentro de suas correntes historiográficas, de forma

que condicionam o aluno a aceita-la, porque não conhecem outras correntes, criando a ilusão de aquela é a visão certa, e muitos acabam, ficando presos, numa visão que aprenderam na universidade.

Toda essa prisão de narrativas nos evidencia que se fica preso a poucas e a mesma sempre, principalmente se tratando de narrativas de história, como é o caso de muitas instituições, onde a grande maioria dos professores passaram a defender apenas duas correntes historiográficas, que é o positivismo e o marxismo.

Lima ainda esclarece que há, na narrativa dos professores, uma simplificação ao considerar apenas duas correntes historiográficas, o positivismo e o marxismo, como se as controvérsias e os paradigmas da teoria da História se limitassem a estes. Portanto, concluímos que o debate historiográfico nos cursos de Licenciatura em História no Brasil deve ser, permanentemente, analisado, repensando estratégias, abordagens, possibilidades de reflexão que ultrapassem os limites da formação inicial. (Lima, 1997, p.235) apud (Rassi & Fonseca, 2006, p. 120)

Isso, os torna condicionados a uma linha de pensamento, que vai passando de um para outro e não muda, não busca o novo e por isso, que a história para muitos, passa a ser taxativa, sem atrativos, porque, se esbarra sempre na mesmice de conhecimento.

Ensinar história é conseguir fazer com os alunos entendam que a história é uma narrativa e que por trás dessa narrativa tem correntes historiográficas, métodos, mas enfim, tudo está voltado para uma reflexão, crítica e formadora de identidades, na qual se deve conhecer as diversas visões e narrativas de todas as correntes, para daí sim vir a escolher uma, a qual se identificou com seu modo de pensar e ensinar História.

Pensando em ensino da História, não poderíamos deixar de mencionar, sobre as questões de tecnologia, associadas ao ensino da história, ou melhor, ao uso da tecnologia em sala de aula, algo que vem causando debates e impasses, a cerca de usar ou não para ensinar História, pois, para uns é visto como desnecessário, quanto para outros é uma facilidade que não traz muito aprendizado e os retira seus interesses, mas para muito a tecnologia é um meio eficaz de torna a aula mais prazerosa, como produtiva, pois desperta seus interesses, espírito investigativo.

Logicamente que nenhuma tecnologia será suficiente para uma aula, ela apenas é um auxílio, recurso, que pode ser de grande ajuda, mas se o professor conseguir usar a seu favor, de forma correta e não acha que é apenas um meio para matar aula, ou parar fugir da rotina, para usar um meio tecnológico é necessário

primeiramente conhecer o recurso, para depois planejar e aí sim expor em sala de aula, mas de forma que possa ser trabalhada dentro dos objetivos, como métodos que venham a somar e não apenas a ser minutos, ou horas de lazer.

Quando nos referimos ao contexto, recursos, podemos mencionar que é imensa a quantidade de possibilidades que podem ser usados no ensino de história de forma produtiva, contribuindo assim, com a aprendizagem, como compreensão do conteúdo.

(...) outras questões foram discutidas como possibilidades educativas (internet, cinema, música, teatro, pintura, literatura, dança, imprensa, festas folclóricas). Nosso interesse foi captar como os professores concebem e incorporam tais fontes em suas práticas. Sabemos que não basta o professor estar atento às novas tecnologias e trazê-las para o seu cotidiano, mas como esses saberes são interpretados e interpenetrados nas práticas, em seu lócus. Em outras palavras, como vai operar e reverberar tais “tecnologias”, suportes e fontes de saberes em suas práticas. (Rassi & Fonseca, 2006, p. 122)

Ressalvamos, que não podemos fugir da alternativa tecnologia, ela é real e está presente, na vida dos alunos, tudo isso, de certa forma quase que nos obriga a se adaptar a esse contexto, tão visado. Mas, o que o professor tem que ter em mente é que ele é o mediador, o articulador, do processo ensino, por isso, a importância de estabelecer uma interação entre o recurso, aluno e educador.

Aqui, a professora reconhece a importância do professor como mediador entre a tecnologia, a linguagem e o conhecimento que se produzirá e que será internalizado como aprendizado para o educando. Ainda ressalta sua crença no papel do professor, como amálgama da relação que se estabelece no espaço escolar. (Rassi & Fonseca, 2006, p. 123)

Sem aludirmos, que é grande a variedade de opções de recursos que podem usar, a começar por, jogos, filmes, imagens e outros, pois, todos poderão ser usados e enriquecidos, onde uma imagem por exemplo, pode ser exposta e explorada pelos professores, que devem atuar como um mediador, para que o aluno possa questionar e analisar, ou seja, onde o aluno possa construir seu conhecimento, sobre a determinada imagem, de forma que possa refletir e criar suas concepções, mas sem perder o foco histórico, porque, antes e no percorrer dessa análise o professor deve conduzir.

Quantos os objetivos que fundamentam o ensino de história, podemos mencionar que eles estão preocupados em identificar o homem como um sujeito dentro de um grupo, a qual pertence, que tem uma cultura, religião, modo econômico, enfim com relações que permeiam sua existência e que além disso, o inserem em um espaço e tempo. “Identificar o próprio grupo de convívio e as relações que estabelecem com outros tempos e espaços;”. (PCNs, 1997, p.31)

E que os demais objetivos passam a pautar em cima do contexto de organização desses grupos. “Organizar alguns repertórios histórico-culturais que lhes permitam localizar acontecimentos numa multiplicidade de tempo, de modo a formular explicações para algumas questões do presente e do passado;”. (PCNs, 1997, p.31)

Onde o seu conhecimento e dos demais grupos que passam a viver em um mesmo tempo e espaço, além de se reconhecer, deve se questionar, como valorizar a mudanças e suas permanências. Tudo isso, com base em métodos de pesquisa, que nos fará aprender a ler, conhecer, se reconhecer, como identificar e valorizar, como sujeitos de sua história, que está inserido em um tempo e espaço, mas que é fruto de uma consequência de ações de outros tempos e espaços.

conhecer e respeitar o modo de vida de diferentes grupos sociais, em diversos tempos e espaços, em suas manifestações culturais, econômicas, políticas e sociais, reconhecendo semelhanças e diferenças entre eles;
reconhecer mudanças e permanências nas vivências humanas, presentes na sua realidade e em outras comunidades, próximas ou distantes no tempo e no espaço;
questionar sua realidade, identificando alguns de seus problemas e refletindo sobre algumas de suas possíveis soluções, reconhecendo formas de atuação política institucionais e organizações coletivas da sociedade civil;
utilizar métodos de pesquisa e de produção de textos de conteúdo histórico, aprendendo a ler diferentes registros escritos, iconográficos, sonoros;
valorizar o patrimônio sociocultural e respeitar a diversidade, reconhecendo-a como um direito dos povos e indivíduos e como um elemento de fortalecimento da democracia. (PCNs, 1997, p.31).

Quanto a relação entre História e o ensino de História é que a História são fatos que aconteceram, acontecem o tempo todo e que divide em um tempo cronológico em espaços e culturas, que se encontra no passado, mas que muitas vezes influência o presente como o futuro.

A história é junção de estudos, pesquisas de historiadores, através de fontes históricas as quais fundamentam e possibilitam a narração de um fato. A história estuda todo o tipo de ação, pensamento, cultura, religião da épocas e dos povos, os quais, fizeram história e deixaram vestígios de sua existência. Esse estudo permite

realizar uma narrativa dos fatos que aconteceram, que permanecem e o porquê desses fatos.

A história pode ser feita por um pessoa, grupos, sociedades, civilizações, enfim, pode ser essa pessoa um rei, um pessoa popular, a história é feita por todos, sem distinções de classes, raças, como fatores econômicos e políticos, o importante é o que marcou um acontecimento e como marcou, por que ela feita por todos nós.

Para se chegar a uma conclusão de uma história existe todo um cuidado a ser tomado, pelos então pesquisadores, sejam eles historiadores ou não, não é simplesmente achar e concluir, deve estar pautado em fontes que venham a comprovar os vestígios deixados por aqueles que a fizeram, onde um instrumento pode construir uma história ou modificar toda uma narrativa que se fazia a cerca de um contexto histórico.

Também ressaltamos que a história é um campo em aberto que permite várias interpretações que se tornaram em uma narrativa de acordo com aquele que a faz, com suas visões que se confronta o passado e seu olhar em seu tempo.

Agora, quanto o ensino da história, são outros critérios que permeiam esse contexto, a começar, porque vai ensinar, qual a sua concepção, quais as influências que obteve em sua formação, se está preparado ou não para ensinar. Além disso, ainda a outros segmentos que devem serem levados em conta, como planejamento, conteúdos e a forma de aborda-los, como a realidade do aluno e de como poderá aproveitar seu conhecimento dentro do conceito do conteúdo de história.

Além dos recursos que poderão ser usados, para ensinar a história, de forma que venha a trazer resultados positivos, que vai desde um livro didático a um equipamento tecnológico, enfim, ensinar é algo que exige todo um conhecimento, como uma qualificação, preparação, planejamento e postura do educador, para ai sim tudo fluir e se chegar a objetivos almejados, que é a aprendizagem de história de forma compreensiva e instigante, como interessante, que venha despertar no aluno a curiosidade, o espírito investigativo, o interesse em saber mais, como novas descobertas e o essencial a sua descoberta como um sujeito que faz parte de uma história em construção, para isso é necessário que o educador conheça a sua importância como um estimulador, mediador desse processo e que não pense que só porque ele tem um diploma de licenciatura em História ele já sabe ensinar.

Outro item importante na história é a seleção de conteúdo e sua forma de abordar esses conteúdos, ou seja, os conteúdos, como forma de ensina-los, não deve

ter a forma tradicional, priorizando uma sociedade, narrativa. Os conteúdos devem ser trabalhados junto ao aluno, fazendo com ele construa um conhecimento a cerca deles, mas sem fugir de sua especificidade histórica, pois, história não é achismo são possibilidade amparadas em fontes históricas, que tem diversas narrativas, mas, vestígios comprovados e fundamentados.

Referente ao ensino de história destacamos que ela a junção de vários fragmentos assim, como exposto na introdução.

Já ao que se refere a recursos e metodologias no ensino de História, mencionamos, que a história ensinada está embasada em vários seleções materiais, que vai desde revistas, jornais, livros fonte, os mais diversos e importantes documentos que fazem com que se tome um rumo, ou seja, se focalize em um recorte temporal e histórico da sociedade, o qual, será selecionado por alguém, com imparcialidade, que passe a escolher essa parte da história da sociedade, ele não é neutro pelo contrário ele resultado de um conhecimento amplo de interpretações que a faz uma história nova.

Quantos aos recursos que abrangem o contexto histórico são inúmeros, que vai, desde textos, livros, jornais, imagens, filmes, internet, vídeos, músicas, jogos, enfim é vastas a variedade de recursos, que repercutem acerca do contexto história, poderíamos dizer que a história poderia ser contada por imagens, como por filmes, isso é para se ter, uma noção de que a História é rica, em recursos, que devem servir de auxílio a aprendizagem, mas isso se for abordado de forma correta.

A variedade de materiais e recursos no ensino de História, não são diferente da metodologia, pois, são várias as metodologias que podem ser impregnadas no ensino da história, desde um debate, como um texto, uma análise de um documento, fragmento de um filme, imagem, a reflexão crítica de uma música.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se tratando de História que muitas vezes se esbarra em muito conteúdo, teoria e fala é essencial enriquece-la com os mais diversos meios, seja ele recursos ou metodologias, pois, é de extrema importância, que o ensino da história, tenha um professor, como um incentivador, utilizando história na formação do cidadão consciente e para isso é necessária à participação do aluno e não é falando somente e passando na lousa, que os alunos vão se atrair, ainda mais num mundo tão inovador e evoluído que nos encontramos, por isso, ter subsídios como recursos e novas

metodologias é essencial para mudar o conceito de que história é chata, podendo ensinar história de forma prazerosa, e vindo a despertar o interesse do aluno.

E para conduzir essa participação são necessárias novas metodologias, que poderão ajudar no auxílio da obtenção de resultados significativos do trabalho do professor e na melhor compreensão dos alunos.

É intensa a questão da diversidade envolvida na área de história, onde se podem trabalhar os conteúdos em grupos, textos sobre o assunto, slides, aulas expositivas na TV pendrive, pesquisas, debates, seminários, também serão usadas revistas, jornais que tragam referências ao assunto.

Um homem sem história é um homem sem vida, pois não há vida sem história, a história se faz presente desde os primeiros gestos, linguagens, os primeiros rabiscos a obras de arte, as primeiras escritas às diversidades de escrita, enfim é através da história que o homem registra a sua existência, descobertas e evoluções. Por isso que a história se faz tão importante na vida de cada um e a educação é o lugar certo para se conhecer, aprender, compreender e gostar de história e isso se faz valer no contexto da disciplina de história.

Desde que a educação faz parte da história da humanidade, tem-se observado a importância da disciplina de história, em qualquer parte do mundo, em todas as épocas, a história e o homem sempre trabalharam juntos. A história é uma linguagem que pode ser traduzida em formas escritas, desenhos, oralidade, artes e outros, capazes de comunicar sensações, sentimentos e pensamentos, por meio de organizações e revoluções, podem ser expressivos entre o som ou silêncio.

O ensino da história possibilita um contato com civilizações e grupos sociais, o entendimento das formas de governo, desperta o lado crítico e reflexivo, como proporciona uma abertura ao diálogo e compreensão de uma linhagem do tempo em que aborda o tempo passado, presente e futuro, que viveram em espaços e tempos diferentes do nosso, nos auxilia no sentido de apreendermos que as formas de produzir a sobrevivência variam na História.

REFERÊNCIAS

CAIMI, Flávia Eloisa. **Por que os alunos (não) aprendem História? Reflexões sobre ensino, aprendizagem e formação de professores de História*** Universidade Passo Fundo. RS. 2006.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS. **História, Geografia**. Secretária de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/ SEF, 1997.

KLOSOWSKI, Simone Scorsim, REALI, Klevi, Mary. **Planejamento de ensino como ferramenta básica do processo ensino-aprendizagem**. Unicentro, 2006-2007.

SILVA, Marcos Antonio, FONSECA, Selva Guimarães. **Ensino de História hoje: errâncias, conquistas e perdas**. History teaching today: wanderings, gains and losses. Revista Brasileira de História, SP. 2010.

RASSI, Marcos Antônio Caixeta. FONSECA, Selva Guimarães. **Saberes docentes e práticas de ensino de história na escola fundamental e média**. Revista História, João Pessoa, 2006.

VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo et al. **A Pesquisa em História**. São Paulo: Ática, 2007.

XAVIER, M. L. M.; ZEN, M. I. H. D. **Planejamento em destaque: análises menos convencionais**. Cadernos Educação Básica 5. Porto Alegre: Mediação, 2000.